

Tempo ao tempo

Casa Pia 1-1. Ríos colocou o Benfica em vantagem, mas um golo de avanço é sempre pouco — e voltou a provar-se. Mourinho, no final, despediu-se do título — embora, garantiu, não do clube. O jogo de Rio Maior não trouxe nada de novo, e essa é a má notícia: o problema do Benfica não é só a falta de pontaria no último terço, é a falta de opções de finalização. Não criamos perigo na meia distância, somos sofríveis no jogo aéreo ofensivo e a concretização fica refém do futebol apoiado ou de algum laivo de inspiração individual. Quando do outro lado está uma equipa física, que desce muito as linhas e sobrepova o miolo da área defensiva — como é, aliás, metade do campeonato — a fórmula gripa e o marcador agradece. Não é por acaso que é preciso recuar a 2020/21 para encontrar uma média de golos por jogo na Liga inferior à desta época. Acabámos esse ano em terceiro, e a coincidência devia tirar o sono a quem desenhou este plantel.

A segunda evidência está precisamente nesse desenho. Falta ao Benfica um médio centro criativo de ligação. Rafa é um homem de transição que se apaga quando lhe fecham o espaço, como aconteceu segunda-feira. Ríos não tem a fantasia que o lugar pede e tem dado o seu maior contributo... a cabecear na área adversária. Sudakov devia e podia ser esse jogador, e ainda não o foi. E ficam dúvidas se o conseguirá algum dia ser. Salva-se Schjelderup, jogo após jogo o expoente máximo desta equipa. À frente, Pavlidis é um excelente avançado, mas para outro tipo de jogos — não para estes, em que o espaço se evapora antes de a bola lhe chegar.

E depois há Mourinho, que constata o óbvio: o título já não está nas nossas mãos e o segundo lugar também não depende só de nós. É uma época falhada, atenuada pela Supertaça e pela qualificação na fase de grupos da Champions. Mas a provável ausência da prova milionária para o ano não é um detalhe contabilístico: é um buraco de receitas que vai obrigar a fazer omeletes com jogadores da cantera e a acertar num mercado em que o Benfica, há demasiado tempo, gasta mal e vende o que lhe fica a fazer falta. Será preciso critério e acerto onde tem faltado, e visão onde tem havido pressa. É verdade que no Benfica nunca há tempo, mas a três anos das eleições devia ser possível fazer o mais difícil.

A pergunta inevitável é se Mourinho é o homem certo para essa travessia. A minha resposta não será popular, mas é sim. Mourinho desdenha hoje um plantel que elogiou quando estava no Fenerbahçe, mas a verdade é que não foi ele que o montou. Seria um erro histórico deixá-lo passar pelo Benfica sem a hipótese de construir o 'seu' plantel — e de ser avaliado pelo trabalho que ainda não pôde fazer. Por uma vez, e contra os instintos da casa, vale a pena dar tempo ao tempo.